

Natal anima empresários

■ Retomada do crescimento econômico, agora, é esperada para o fim do primeiro trimestre

MÁRCIA AVRUCH

SÃO PAULO - O capítulo crise nas bolsas de valores está superado, pelo menos na opinião do empresário paulista. Empresários ouvidos pelo JORNAL DO BRASIL confirmam as expectativas otimistas reveladas pela pesquisa Sondagem das Expectativas Empresariais e acreditam na retomada do crescimento econômico em poucos meses.

Superado o susto provocado pela turbulência nas bolsas de valores e assimiladas as medidas contidas no pacote de ajuste fiscal, que deixaram o mercado atônito por alguns dias, ficou a sensação de que o impacto não foi tão grande quanto se estimou no primeiro momento.

Apesar dos resultados negativos registrados em novembro, o mercado já dá sinais de recuperação. É verdade que o brasileiro está mais cauteloso e não exibe mais a euforia da estabilidade garantida. "O Natal superou o pessimismo instalado após o pacote", disse o presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, Abram Szajman.

Investimentos - Mesmo admitindo que o episódio deixará sequelas, empresas como a Rhodia (setor químico) e a Perdigão (alimentos) mantiveram suas previsões de investimentos para 1998. "A crise recente é conjuntural e vai ter duração curta", aposta o presidente da Rhodia, José Carlos Grubisich.

Ele acredita que o ritmo normal de atividade será retomado até o fim do primeiro trimestre, opinião que é compartilhada por representantes de vários setores. Szajman é ainda mais otimista. Para ele, a arrancada vai começar já em fevereiro, puxada pelos setores agrícola, de serviços e de alimentos.

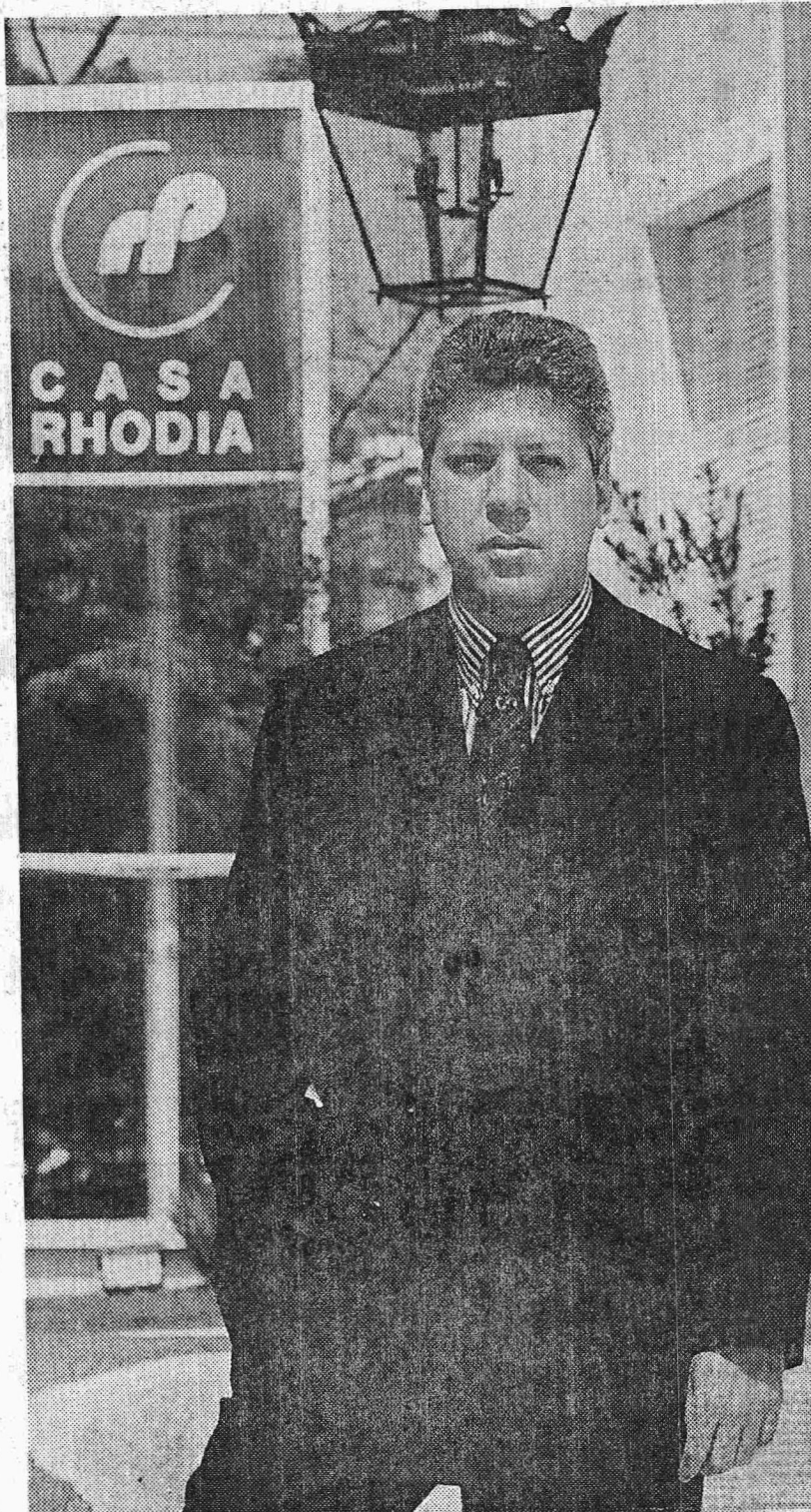
As taxas de juros são, aparentemente, a única nódoa no cenário cor-de-rosa previsto pelo empresário. "Meu sonho é que as taxas de juros caiam rapidamente e em março já estejam entre 1,8% e 2%", diz Grubisich.

Na opinião do presidente da Indústria de Papel Klabin, Horácio Laffer Piva, a manutenção das taxas de juros nos atuais níveis poderá comprometer a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Outra mancha será a queda do nível de emprego, já em curso. A estabilização da taxa de desemprego é consenso entre os empresários, mas somente alguns, como Szajman, acreditam que poderá haver recuperação durante o ano de 98. "O desemprego já está no limite, o que está acontecendo agora é o ajuste em setores, como o de autopeças e metalurgia", afirma.

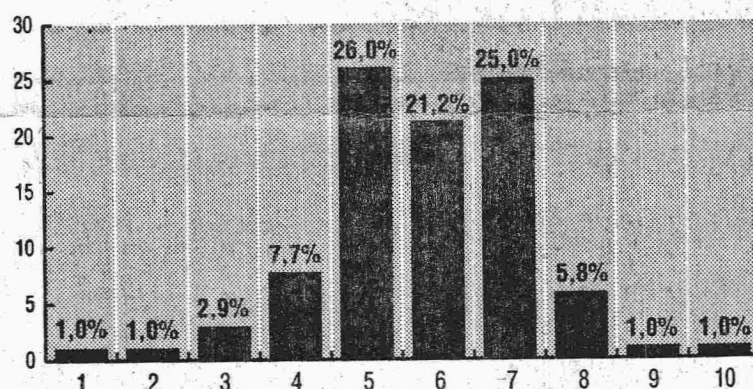
Roberto Ferraiuolo, presidente da Indústria de Tintas Renner, aponta os setores agrícola e de construção civil como possíveis saídas para o problema do desemprego. "A qualificação da mão-de-obra é fundamental para a absorção em alguns setores". Segundo ele, o novo sistema financeiro de habitação e o déficit de moradia darão ênfase ao setor de construção civil capaz de absorver mão-de-obra não qualificada ou semi-qualificada.

PIB - Os empresários são unânimes quanto à taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Para eles, o percentual será



Grubisich diz que a crise dura pouco e sonha com a queda dos juros

Nota para o pacote fiscal



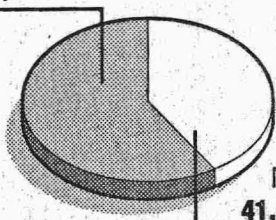
* 7,4% dos pesquisadores não responderam à questão/ Nota média: 5,5%

Fonte: Price Waterhouse

A oscilação das bolsas de valores, causando instabilidade no mercado financeiro, interferem decisivamente na tomada de decisão de novos investimentos?

Sim

58,7%



Não

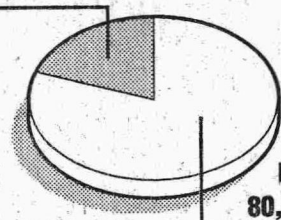
41,3%

Fonte: Price Waterhouse

Você acredita que o Banco Central promoverá uma mididesvalorização do real, em relação ao dólar, no início de 1998?

Sim

19,2%



Não

80,8%

Fonte: Price Waterhouse

de 2% em 1998. A previsão antes da crise estava em torno de 4%. A expectativa de aumento de vendas da Rhodia e da Perdigão em 98 é de 10%. No setor de tintas, o crescimento deve ficar entre 3% e 4%, abaixo da estimativa deste ano, entre 5% e 6%. "O crescimento das vendas depende do desempenho da construção civil", diz Ferraiuolo.

Em suas projeções para 1998, os empresários consideram uma taxa de desvalorização do real em relação ao dólar em torno de 7%, praticamente mantendo o percentual registrado este ano. Szajman acredita que a desvalorização será de 10%. A estimativa é que o déficit da balança comercial seja reduzido à metade. Se depender do empresariado, o brasileiro continuará vivendo num país com baixos índices de inflação.

Quanto ao ajuste promovido pelo governo, Piva afirma concordar com a oportunidade e a necessidade das medidas, mas não com a qualidade delas. Para ele, há desconhecimento entre o esforço do governo e o da sociedade, que ficou com a conta maior. "Além disso, os cortes para o governo serão a médio prazo e para nós a curto prazo", diz. Grubisich discorda dos resultados da avaliação das medidas de ajuste fiscal. "A média 5 é muito severa, eu daria nota 7 ou 8", diz.

Campanha - Apesar do elogio, acredita que o presidente Fernando Henrique entrará na campanha presidencial arranhado pelas consequências das medidas. "Haverá uma ligeira mudança nas tendências políticas, mas não será significativa porque a estabilidade econômica está preservada", Szajman concorda que o desgaste sofrido pelo presidente com as medidas de ajuste é pequeno. "Nas classes menos favorecidas o prestígio de Fernando Henrique permanece inalterado", disse. Para Ferraiuolo, o possível desgaste do presidente ainda pode ser recuperado se o governo conseguir equacionar rapidamente o processo de reforma tributária. "O pacote contém uma tentativa de ajuste, mas o sistema tributário ainda é perverso", diz.

O empresário Arthur Sendas, dono do Grupo Sendas, acredita que a luta pela reeleição fará com que o desaquecimento só dure o primeiro semestre de 1998. "Estamos passando por espinhos agora para que depois possam vir as flores", afirmou. Para as vendas de seus supermercados, a estimativa é um crescimento de 5% no ano que vem, e para o Produto Interno Bruto (PIB), a projeção é de 2% a 3%.

O empresário estima uma inflação em torno de 4% para o ano e aposta que o governo vai manter a atual política cambial. "Mexer no câmbio abalaria a confiança no real. E o real é a principal plataforma eleitoral para 1998", argumenta.

Os investimentos do grupo só serão decididos nas próximas semanas e dependem da redução nas taxas de juros.

Quanto ao emprego, Sendas está entre a minoria, pois já tem programada a contratação de 180 funcionários para a loja Sendas da Tijuca, que está concluindo seu processo de duplicação. A ideia é manter o quadro de pessoal nos 13 mil atuais, mesmo com o crescimento das vendas.